



Viva o novo tradutor com Inteligência Artificial II

Gilberto Gamer

*Otago, Nova Zelândia

gillberto@mail.com

Há algum tempo eu me propus a traduzir, para consumo próprio, livros em ídiche que de alguma forma estivessem relacionados com o Brasil. Mas havia um pequeno problema: eu não falava ídiche...

Reza a lenda que quando os generais de Aníbal lhe disseram que era impossível atravessar os Alpes de elefante, ele supostamente proferiu a seguinte frase: *Aut inveniam viam aut faciam*, i.e., "Ou encontrarei um caminho ou farei um". Assim, com essa belíssima frase motivacional na cabeça e com o COVID correndo solto (isso foi em 2021), eu me prontifiquei a aprender... alemão.

Alemão? Mas você não estava falando de ídiche? Ou estamos falando grego?

Alemão, sim. E por quê? Porque o ídiche é uma língua que tem como base, além de outras línguas, o alemão. E é uma língua que se utiliza do alfabeto hebraico, algo que eu já havia aprendido na escola. Tudo bem que isso foi há "zentos" anos (não vou precisar quantos para não entregar a idade), mas enfim, é como andar de bicicleta ou então como o primeiro sutiã: a gente nunca esquece! (desde já peço desculpas aos mais novinhos que não podem não ter visto a propaganda...).

Muito bem: Duolingo na mão, tempo sobrando, e fé – "Vamo-que-vamo"!

O tempo vai passando, os *lockdowns* vem e vão, e em algum momento eu percebo que já consigo formar a frase *Das buch ist auf dem tisch*. Ótimo!

Talvez seja aconselhável neste ponto reproduzir e qualificar o depoimento de Samuel Kilsztajn (1951-), autor de um livro em português sobre o ídiche – sua história e sua rica produção cultural e literária, entrelaçadas com suas memórias pessoais e outras considerações a respeito de grandes autores nesta língua. O nome do livro, extremamente simples e apropriado, *Yiddish*.¹

* Mestre em Administração de Negócios pela University of Otago, Nova Zelândia.

¹ Uma nota sobre a grafia da palavra יידיש. Segundo Nascimento (2021, p. 3), "na transliteração, são encontradas em diferentes textos as formas Yiddish, Yidish, ídiche, ídiche, ídiche, ídish, etc. A grafia Yiddish é a forma definida por instituições de pesquisa, ensino, publicação e divulgação do Yiddish, como o YIVO e o Yiddish Book



Embora eu seja *yiddish* nativo, sou praticamente analfabeto em *yiddish*, que, para começar, é escrito da direita para a esquerda. Confundo até visualmente várias letras, † com † e †; † com † (e com †, † dependendo da impressão); † com † e †; † com †; † com †; peno com letras com formas diferentes quando escritas no final das palavras; † às vezes tem som de “p”, outras de “f”; † em geral tem som de “b”, mas algumas vezes de “v” também; † pode ser “a” ou “o” etc. Então levo muito tempo para decifrar as letras, formar as sílabas e discernir o som. E, como sou descendente de famílias de sapateiros e pintores de parede, não muito ilustrados, meu vocabulário é muito restrito, um *yiddish* simples de uma pessoa vulgar, a *pshut yiddish fun a prostn mentsh*.²

OK, pensei: se ele, que fala ídiche fluentemente, tem dificuldades com textos em sua *mameloshn* (língua materna), que grandes aspirações poderia ter eu? Quase desisti, confesso. Mas aí, um milagre aconteceu: em 2022 apareceu o tal do ChatGPT, essa “entidade de silício” que, do dia pra noite, virou manchete em tudo que é canto: “A inteligência artificial que escreve como gente!”, “ChatGPT faz prova melhor que estudante!”, “O começo do fim dos empregos...”. Jornalistas, professores, barbeiros, porteiros de boate e até aqueles amigos que ainda escrevem e-mails como se fossem cartas formais – todo mundo passou a ter uma opinião.

Teve quem achasse que era coisa do capeta. Eu obviamente não, dado que capeta não faz milagre. E, dado que a “coisa” tinha custado bilhões de dólares, certamente ela deveria conseguir prever os números da Mega-Sena e também ser capaz de fornecer – finalmente! – a resposta sobre qual seria a melhor receita de lasanha. O povo – e eu também – parecia um porquinho na lama. E no meio de toda essa bagunça, muita gente resumiu, com base na infinita sabedoria popular, o que acadêmicos demorariam páginas pra escrever e descrever: “É a melhor coisa que já inventaram depois da caneta Bic pra rodar fita cassete!”

Porque, sejamos sinceros, foi isso mesmo: era algo tão útil, tão inesperadamente versátil, que virou ferramenta, confidente, ajudante e motivo de medo – tudo junto. Como toda boa revolução, chegou de mansinho e fez barulho. Mas eu divago... Avancemos, pois. 2024, curso de alemão terminado. Agora sim – estou pronto para finalmente começar com as traduções! Escolho um livro aleatório – *Krashnik – Rio dertseylungen*,³ de Rosa Palatnik (1904-1979) – e, no melhor espírito de “vaca louca”, que fica dando cabeçada em tudo que é canto, começo. E tomo um baile!

Center”. Entretanto, como apontou Guinsburg (2022), para não usar o “Y” e facilitar a pronúncia, neste texto optamos por adotar a forma “ídiche”.

² Kilsztajn, 2022, p. 51. “Um ídiche simples de uma pessoa comum” (tradução nossa).

³ Rosa (Roze) Palatnik nasceu na pequena cidade de Krašník, perto de Lublin, na Polônia. Após viver em Paris, migrou para o Rio de Janeiro em 1936, onde viveu até



Se eu tivesse me atido às palavras do Shmulik, que é como o Samuel Kilsztajn se autodenomina o autor no e do livro previamente citado, talvez eu estivesse preparado para mais uma dificuldade adicional:

O *yiddish* falado pelos poloneses não é exatamente igual ao *yiddish* falado pelos judeus da Lituânia, da Galícia Austríaca, da Bessarábia, da Rússia etc. Toda língua é viva e guarda relação com o ambiente em que se desenvolve. A ordem das palavras nas frases, a cadência, a pronúncia e muitas das palavras utilizadas pelo paulista em português também não são as mesmas utilizadas pelo carioca, muito menos pelo nordestino, pelo angolano e pelo português em Portugal.⁴

Mas isso é óbvio, não é? – alguém poderia dizer. E eu responderia, claro que é. Mas alguém alguma vez já viu alguma “vaca louca” pensar em aspectos léxico-semântico-dialetais de uma língua errante? Pois é, nem eu.

Bom, para encurtar este preâmbulo, é suficiente relatar que depois de lançar mão de quatro ferramentas diferentes de IA, mais três dicionários (Ídiche-Polonês, Ídiche-Inglês, Polonês-Polonês), eu saí do outro lado. E a partir daí não parei mais.

Avancemos no tempo um pouco mais, para o começo de 2025, quando então eu já estava me “deitando no inglês” (ou melhor, no ídiche – pronto, novinhos, essa vocês conhecem!). Foi então que fui convencido, por uma pessoa que está se tornando uma amiga querida, a traduzir um texto do Meir Kucinski (1904-1976), publicado no jornal *Der Nayer moment* (*O novo momento*) de 2 de abril de 1969, no qual o escritor rememora um episódio ocorrido 41 anos antes, quando esteve preso em Włocławek na Polônia.⁵ Mas, como dessa vez eu já estava “escolado”, o processo não foi tão mau e alguns dos percalços encontrados nessa minha empreitada tradutória foram revelados em Gamer (2025).

Mais um mês, mais traduções. Mas dessa vez eu me propus a tentar uma coisa nova e me perguntei: será que o nosso onisciente ChatGPT teria condições de não só traduzir um texto mas reformatá-lo? Não deveria ser tão difícil. Para “ele”, quero dizer. Então comecei o seguinte diálogo com a máquina:

(G) Eu tenho aqui uma peça de teatro em iídiche em um arquivo pdf. Você conseguiria traduzir o texto anexo para o português e transformá-lo em prosa?

sua morte. O título desse livro referência estas duas cidades, evidentemente, além de salientar que se trata de uma coletânea de contos (*dertseylungen*).

⁴ Kilsztajn, 2022, p. 18-19

⁵ Kucinski, 2025.



(IA) Claro! Basta me enviar o arquivo que eu traduzo e transformo em prosa para você.
(momentos depois...)

(IA) Aqui está sua tradução. Caso necessite de algum ajuste é só falar 😊...

E aqui está a resposta recebida. Nada foi alterado, nem mesmo o espaçamento entre os parágrafos:

Adaptação em prosa dos Atos I, II, III e IV de Ibergus, de Leib Malakh

Na pequena cidade de província, onde a poeira do caminho misturava-se ao ar saturado de lembranças, a casa de Reb Avrom-Yitskhok erguia-se como uma ilha de tradição em um mar de inquieta modernidade. As paredes, ornadas por retratos antigos e livros sagrados, testemunhavam o peso de uma linhagem rabínica que se estendia por gerações. Era ali que o destino de Ibergus começava a tomar forma.

Reb Avrom-Yitskhok, um homem de barbas longas e olhos profundos, recitava palavras do Talmud com a solenidade de quem habita um tempo outro. Seu filho, Ibergus, era um jovem de temperamento introspectivo, cuja alma parecia ressoar com perguntas que os textos sagrados não conseguiam aquietar. Seu corpo estava presente ali, mas sua mente vagava entre ideias perigosas para a ordem familiar.

Logo nas primeiras horas da manhã, a rotina da casa é interrompida por uma discussão velada entre pai e filho. O velho rabino, apegado à tradição e ao temor de Deus, adverte Ibergus contra seus pensamentos modernos, suas leituras seculares, e os encontros suspeitos que mantém com jovens da cidade. Ibergus, em sua voz baixa mas firme, não nega os fatos. "A verdade também está no mundo, após a porta da nossa casa", diz ele, provocando uma sombra de dor no rosto de seu pai.

A mãe, uma figura suave e resignada, tenta mediar a tensão entre os dois. Seu coração materno reconhece o conflito entre o antigo e o novo, entre o dever e o desejo, e sofre em silêncio. O lar, outrora sustentado por rezas e silêncios, começava agora a ecoar com vozes de ruptura.

Enquanto isso, no pátio da casa, a criadagem cochicha sobre as idas e vindas de Ibergus. Falam de um panfleto clandestino, de um discurso feito em segredo na estalagem, de uma moça desconhecida. As palavras correm como faíscas. Em breve, tudo irá arder.

Ibergus permanece sozinho, encostado à estante de livros. Seus olhos percorrem os títulos antigos, mas não buscam mais sabedoria. Buscam coragem. Ao longe, um violino desafinado rasga o silêncio da rua com uma melodia dissonante, tão inquieta quanto seu próprio coração.



No dia seguinte, a atmosfera na casa de Reb Avrom-Yitskhok é densa como o céu antes da tempestade. Uma carta chega pelas mãos trêmulas do carteiro do shtetl, e nela está o convite para uma reunião estudantil na cidade vizinha — um encontro de jovens idealistas e agitadores. A carta não está endereçada a Ibergus, mas o velho rabino logo entende que é a ele que se destina.

No interior da sala de estudos, a luz do entardecer recorta as silhuetas das estantes repletas de tomos em hebraico e aramaico. Reb Avrom-Yitskhok observa o filho em silêncio. Não é mais apenas inquietação que vê naquele olhar, mas um brilho de decisão. Ibergus já não é apenas um filho desobediente. É um homem que escolhe — e a escolha o leva para longe da casa.

Na cidade, entre os armazéns e becos onde fervilham ideias e esperanças, Ibergus se encontra com jovens de fala apressada e olhos acesos. Falam de justiça, de libertação, de um novo mundo por vir. Entre eles está Chane, uma jovem de expressão firme e sorriso raro. Há nela algo que atrai e desafia Ibergus ao mesmo tempo. Ela não teme as palavras, e menos ainda os riscos.

De volta à casa, a ausência de Ibergus torna-se um peso visível. A mãe senta-se junto à janela, fiando pensamentos como se fossem lã. O pai permanece imóvel, os olhos sobre uma página do Talmud que não consegue mais ler. O tempo se dobra sobre si mesmo. Lá fora, os sinos da cidade tocam, e Reb Avrom-Yitskhok sussurra um versículo, não por fé, mas por hábito — ou talvez por saudade.

Na estalagem da cidade, Ibergus sobe a um pequeno tablado improvisado e começa a falar. Sua voz, a princípio hesitante, ganha força. Fala de desigualdade, de destino, de coragem. E, por um momento, acredita que as palavras podem mudar o mundo. Mas também sabe que há um preço.

Quando desce do tablado, Chane o espera com um olhar que não exige respostas. Juntos saem para a rua estreita, onde as sombras já se alongam como presságios.

A noite cai, mas o mundo, para Ibergus, acaba de amanhecer.

A notícia da prisão de Ibergus corre como vento entre os muros do shtetl. As palavras, agora, não são mais apenas sussurros — são acusações, lamentos, sentenças sem julgamento. Dizem que ele foi pego com panfletos subversivos, que discursava diante de operários e camponeses, que atacava os pilares da ordem estabelecida.

Na casa de Reb Avrom-Yitskhok, a mãe desfalece por instantes e volta à vida como quem emerge de um sonho ruim. O pai não chora. Não ora. Apenas se levanta, lentamente, como quem aceita o golpe final de uma longa batalha. Ele veste seu manto, ajeita os filactérios, e caminha até a sinagoga — mas não para rezar. Vai em busca de silêncio.



No cárcere úmido da cidade, Ibergus divide a cela com outros jovens de olhos vivos e ossos magros. Há em todos eles uma estranha serenidade. Entre gritos e abafos, compartilham pão e ideias. A noite é longa, mas não os assusta. Um deles canta baixinho um nigun antigo, e por um instante o espaço parece mais largo, menos opressor.

Chane visita Ibergus às escondidas. Traz notícias, promessas e um olhar que agora se entrelaça ao dele com cumplicidade profunda. Há algo no sofrimento que torna os laços mais verdadeiros. Ela toca sua mão por entre as grades e diz apenas: "Estamos aqui."

Ao mesmo tempo, a comunidade se divide. Uns defendem o rapaz como mártir da juventude, outros o execram como traidor da fé. Velhos conhecidos evitam mencionar seu nome. Mas há também os que acendem uma vela por ele, sem que ninguém veja.

Numa noite de chuva, Reb Avrom-Yitskhok, pela primeira vez, caminha até a prisão. Não leva nada nas mãos. Apenas seu nome de pai. O encontro com Ibergus não tem palavras. Os olhos se cruzam. O velho hesita, depois ergue a mão e pousa-a no ombro do filho. E pela primeira vez, desde o início, ambos compreendem o que significa permanecer de pé diante do abismo.

A cidade dorme, mas os relâmpagos ainda riscam o céu. Em algum lugar, um novo dia começa a se anunciar.

Meses se passaram. A prisão de Ibergus tornara-se uma memória incômoda e persistente no coração do shtetl. Alguns já haviam se esquecido, outros fingiam esquecer. Mas para Chane, para Reb Avrom-Yitskhok, para a mãe que já não tecia junto à janela, o tempo era um fio contínuo, preso ao nome ausente.

Certa manhã, a porta da casa do rabino se abre com um rangido seco. Um mensageiro traz um bilhete lacrado. Não diz onde Ibergus está. Apenas informa que ele foi deportado. Nenhum julgamento. Nenhuma sentença escrita. Apenas o silêncio das autoridades e o frio dos trilhos que o levaram embora.

Chane recebe a notícia de pé, como se já a esperasse. Sua respiração é firme. Ela não chora, apenas fecha os olhos por um instante e diz: "Ele saberá resistir."

Na sinagoga, Reb Avrom-Yitskhok sobe à bimá e fala diante dos fiéis com uma voz que já não treme. Não menciona o nome do filho. Mas cada palavra sua — sobre justiça, fé, e o exílio — carrega o peso de uma prece que atravessa gerações.

Enquanto isso, Ibergus viaja por terras geladas, seu corpo exausto, mas sua mente desperta. Nos campos de trabalho, nos vagões apinhados, nos rostos dos exilados, ele vê espelhos do mundo que já imaginara. E escreve. Com carvão, com sangue, com silêncio. Escreve para que o tempo não o apague.



E assim termina a jornada de Ibergus, não como fim, mas como passagem. O *shtetl* adormece, e mesmo quem não ousa pronunciar seu nome, sonha com ele. Pois há nomes que não precisam ser lembrados para continuar vivendo.

E no coração da mãe, uma vela permanece acesa. Uma chama pequena, teimosa, que não cede ao vento. Nem ao tempo.

Confesso que fiquei impressionado. À primeira leitura, o texto parecia “correto”: encadeado, com início, meio e fim, ambientação previsível e aquele verniz de “literatura universal” que a IA costuma aplicar com zelo automático. Na minha opinião de leigo, o texto fornecido se apresentava fluente e as imagens tinham alguma força evocativa. A lógica narrativa era clara. Havia até um certo estilo, apesar (ou em função) dos famosos clichês típicos dos dramas judaicos.

Mas bastou um pequeno detalhe para que a primeira fissura se abrisse para mim: a frase na qual Ibergus aparecia como nome de personagem. Para quem conhecia minimamente o texto e o vocabulário ídiche (exatamente o meu caso, e eu não estou sendo modesto), algo não batia. E uma “luzinha vermelha” se acendeu na minha cabeça, portanto.

Para benefício daqueles que nunca ouviram falar do autor ou da peça, seguem umas poucas linhas: Leib Malach (pseudônimo de Leyb Zaltsman), nascido em 1894 em Zwolin, Polônia, estreou na literatura ídiche em 1915 e publicou frequentemente em periódicos como *Der Moment* e *Literarische Bleter*. Em 1922, emigrou para a Argentina e entre 1924 e 1926, percorreu diversos países da América do Sul — inclusive o Brasil, onde morou cerca de dezoito meses⁶. O título da peça, Ibergus, é um termo que já foi traduzido como “transbordamento”, “transgressão” e, também, “regeneração” — este último, considerando-se o enredo específico da trama, é o que mais se adequa. Encenada e ambientada na segunda metade da década de 1920, a peça é centrada em jovens judias pobres que, enganadas com promessas de casamento e futuro, acabavam traficadas pela Zwi Migdal para servirem como prostitutas no Rio de Janeiro.⁷ A “regeneração”, nesse caso, tem a ver com Reizl (uma das “garotas de quarto”) e seu

⁶ Congress for Jewish Culture. Malakh, Leyb. [s.d.] Disponível em: <https://congressforjewishculture.org/people/2827/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

⁷ A Zwi Migdal foi uma organização criminosa criada por judeus poloneses no final do século XIX, responsável pelo tráfico internacional de mulheres judias para exploração sexual, sobretudo na Argentina e no Brasil. Para um estudo literário e memorial do tema, ver: Largman, 2008.



sonho de abandonar sua vida atual em prol de uma nova ao lado do Dr. Silva, um “Deputado Nacional” no Congresso Brasileiro.

Isso posto, fica claro o porquê do sinal de alerta dentro de mim: a peça original se passa no Rio de Janeiro, gira em torno da prostituição forçada e da repressão comunitária, e tem como protagonista uma mulher, Reizl. Já o texto fornecido nos oferece um drama masculino centrado em um jovem idealista, ambientado em um *shtetl* do Leste Europeu. Em vez de Reizl, temos Chane. Em vez de Dr. Silva, temos Reb Avrom. Em vez da tensão corpo-política, temos um conflito intergeracional quase ritualizado. O que a ferramenta de IA havia produzido não foi uma tradução — foi uma reinvenção, baseada em arquétipos literários que orbitam o imaginário judaico de forma genérica. Era como se ela (a ferramenta) tivesse recorrido a um banco de dados de “imagens” possíveis e combinado elementos de *O Dibbuk*, de An-ski, com traços de Isaac Bashevis Singer, uma pitada de Sholem Aleichem e ecos do *Dos Kleyne Mentshele* (*O pequeno homenzinho*), de Sholem Yankev Abramovitsh, o Mendele Mokher Sforim. O resultado? Um drama que soa familiar, mas que não tem relação alguma com *Ibergus*.

Após essa constatação, em estado de choque (OK, estou exagerando aqui), vi meus dedos teclando, de forma quase inconsciente, a seguinte mensagem:

(G) Isso não tem absolutamente NADA a ver com o original!

Ao que recebi como resposta...

(IA) Bom, talvez não tenha mesmo... Mas impressiona, não?

Com exceção da última frase, o diálogo reproduzido de fato ocorreu. E me fez lembrar da vez em que atravessei a fronteira entre Índia e Paquistão, a pé, pela passagem de Wagah. Não foi por necessidade diplomática, nem por impulso místico. Fui para assistir à cerimônia de fechamento dos portões — um espetáculo diário que mistura coreografia militar, fervor patriótico e algo que só pode ser descrito como teatro de sobrancelhas. Ou uma rinha de galos os soldados marcham com tamanha intensidade facial que parece haver um concurso secreto de expressões dramáticas entre os dois lados. Some-se a isso as penas que portam em sua indumentária e pronto: uma verdadeira briga de *Gallus gallus domesticus* com patentes. Não acreditam? Existem milhares de vídeos a respeito.⁴

Mas antes do espetáculo, tive que passar pelo prólogo burocrático: a imigração. E foi ali, na do lado paquistanês, que me detive diante de um quadro pendurado na parede. Não era uma obra-prima. Nem uma paisagem reconfortante. Eram palavras

⁴ Um exemplo pode ser visto em

<https://www.youtube.com/watch?v=QhUX4qIVqAU>.



emolduradas. Literalmente. E o fato é que fiquei olhando por mais tempo do que o protocolo silenciosamente permitia...

O oficial de imigração, que até então parecia ocupado com carimbos e papéis, levantou os olhos e perguntou, com uma sobrancelha arqueada digna da cerimônia:

— Algum problema com o quadro, senhor?

Expliquei que não havia problema, apenas curiosidade. Ele não pareceu convencido. Curiosidade pode ser perigosa, deve ter pensado sem dizer. E também pode ser contagiosa, pensei eu, mas tampouco disse. Fui liberado após uma conversa filosófica sobre filosofia e sobre o que torna o tempo demais quando se olha para alguma coisa. Só então, finalmente, pude assistir ao espetáculo.

O que isso tem a ver com ferramentas de inteligência artificial?

Concluem vocês mesmos:



Imagen gerada por IA

Referencias

CONGRESS FOR JEWISH CULTURE. Malakh, Leyb. [s.d.] Disponível em: <https://congressforjewishculture.org/people/2827/>. Acesso em: 29 abr. 2025.



GAMER, Gilberto. Tradutor morto, tradutor posto. Viva o novo tradutor... de inteligência artificial? *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 264-271, maio 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/download/59376/48305/226776>. Acesso em: 15 ago. 2025

GUINSBURG, Jacó/ *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 2022.

KILSZTAJN, Samuel. *Yiddish*. Edição em português. [S.l.]: Publicação Independente, 2022. e-book. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Yiddish-edição-em-português-Portuguese-ebook/dp/B0BH88RZG1>. Acesso em: 14 ago. 2025.

KUCINSKI, Meir. Castigo merecido, castigo em plena Páscoa. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 19, n. 36, maio 2025, p. 251-256. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/download/59291/48289/226777>. Acesso em 15 ago. 2025.

LARGMAN, Esther. *Jovens polacas*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

MALACH, Leib. *Ibergus: drame in fir akṭen* [em ídiche]. Buenos Aires: Centro Cultural Juvenil de Bahia Blanca, 1926. Disponível em: <https://archive.org/details/ibergusdrameinfimala/mode/2up>. Acesso em: 18 ago. 2024.

NASCIMENTO, Tarsila Gomes. *Linguagem e rememoração: Yiddish como experiência e resistência identitária*. Relatório de pesquisa (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2021/download/relatorios/CTCH/EDU/EDU_Tarsila%20Gomes%20Nascimento.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

PALATNIK, ROSA. *Krashnik-Rio dertseylungen* [em ídiche]. Rio de Janeiro: Editora "Monte Scopus", 1953. Disponível em: <https://archive.org/details/nybc211336>. Acesso em: 8 fev. 2024.

Enviado em: 15/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025